O ESTANDARTE

ORGAM PRESBYTERIANO INDEPENDENTE

ANNO XXVI | S. PAULO, 27 DE JUNHO DE 1918 | Numero 26

EXPEDIENTE

Publicação semanal

Assignatura annual . . 10$000

Gratis aos ministros

Redactor responsavel: E. CARLOS PEREIRA

Thesoureiro — ISIDRO BUENO

Endereço: CAIXA 300 — S. Paulo

Officinas: Rua Visconde de Ouro-Preto, 26

A hora suprema

I

E' chegada a hora de um balanço moral de nossa Egreja. A data, que ahi vem, fulgindo na caligem ameaçadora, que ora envolve a humanidade, a isso nos convida. O 31 de julho não nos deu somente o ponto de partida do movimento de independencia, deu-nos a chave da situação moral do trabalho evangelico no Brasil. E' elle para nós o holophote da Providencia sondando a bahia, em que lançaram anchoras os que devem singrar os mares encapellados do seculo e dos seculos.

O momento é solennissimo para nós, como devera ser para todos. Não só na dispensação angustiosa de sua justiça, mas ainda nas indicações propheticas de sua Palavra, annuncia a Providencia, com grande probabilidade, a hora suprema para a raça humana. E' uma guerra de Deus. O Senhor está perto, o Juiz ás portas: o fragor medonho da catastrophe européa é o estrondo de seu carro triumphal, quer venha Ellle no fim desta tremenda crise, como parecem indicar manifestos signaes, quer não. O espirito paralysante de incredulidade sobre a vinda repentina e inesperada do Senhor, agora ou em qualquer tempo; a modorra dos crentes sobre esse facto estupendo, proclamado pela voz insistente dos Prophetas; a atmosphera de chumbo, que pesa sobre as egrejas, tornando morosa e tarda a vida religiosa, são symptomas graves, que coincidem flagrantemente com o aspecto moral dos ultimos tempos, traçado por Jesus Christo e seus Apostolos. Nestas condições deve o 31 de julho deste decimo quinto anniversario encontrar nossa Egreja de joelhos; não seja que o turbilhão da Providencia nos arrebate, como a muitos, qual palha da eira, em tempo de estio.

Em primeiro logar, algo digamos sobre nossa attitude, e assignalemos nosso posto no movimento geral de evangelização.

Após quinze annos de vida aberta e protestos claros, não nos comprehenderam, nem nos querem comprehender nossos irmãos, dentro e fóra do Brasil. Basta lhes uma palavra fatal—separação! Alguma poeira permanente embaraça lhes a visão, e não procuram atraz da palavra o seu objecto ou seus motivos reaes. A censura de Nicodemos aos magnates de seu tempo, não lhes fere os ouvidos, e já agora não lhes ferirá Condemnam nos sem nos quererem ouvir, e ás nossas razões fazem ouvidos moucos. Com paciencia e caridade, clareza e energia, explicamos os nossos motivos de consciencia e intuitos christãos. Açoutamos o ar, prégamos no deserto. Não ha peor surdo do que o que não quer ouvir. Schisma, com seu cortejo de males, é o que, a nosso respeito, acaba de annunciar aos milhares de irmãos das duas Americas o Secretario Executivo da Obra Christã de Panamá, em seu recente «Relatorio de uma visita ao Mexico, a Cuba, e á America do Sul», effectuada em março e outubro do anno passado. Indubitavelmente levou elle do Brasil o termo com as considerações aggravantes de que o acompanha. De tal ordem são essas considerações, que só as pudemos attribuir a negros phantasmas de morbidos espiritos, com quem tivesse estado em contacto.

Não é talvez de bom conselho deixar correr á revelia a boa fama de nossa Egreja no movimento de Panamá, que della mereceu, aliaz, tão sincero concurso, e permittir que tripudiem á vontade os espectros, que perseguem imaginações sombrias e suspeitosas. Convem tentar exorcisá-los, e dar o seu a seu dono, *sui cuique tribuere*. A isso nos impelle o amor, que temos a Nova York, a sympathia, que nos inspirou o Secretario Executivo, e o desejo sincero de que a corrente de Panamá não seja mero aborto.

Mas, não é agora a occasião; em tempo mais propicio, e em artigo especial, fá-lo-emos.

se o Senhor o permittir. Por hoje só diremos aos amados e fieis companheiros de nossa abençoada indenendencia, que nos convem levar ainda, por tempo indeterminado, não só deante dos incredulos, mas deante de nossos proprios irmãos, o opprobrio de Christo. Importa soffrermos com paciencia este «espinho na carne», este «anjo de Satanaz a nos esbofetear». Bastenos, como ao Apostolo, a graça de Deus. A virtude se aperfeiçoa, ensina o Senhor a Paulo afflicto, na enfermidade, e como Paulo tenhamos complacencia em nossa fraqueza, porque ella é que nos fará fortes deante de Deus. Os tempos são maus, nós o sentimos viva e experimentalmente; o espirito do seculo invade a casa de Deus, e dahi afugenta a misericordia, a piedade, o amor. Não nos deixemos arrastar na onda, *revistamo-nos* da *armadura* de Deus, e fortaleçamo-nos no Senhor e na força de seu poder, proclamando com mais enthusiasmo a soberania incontrastavel da «Coroa Real do Salvador» (Eph. 6. 10, 11).

Jamais poderemos negar ao movimento cooperativo de Panamá nosso humilde concurso, e a todos os elementos evangelicos nossa collaboração; porém deante da opinião dos chefes, acima referida, nos convem reserva.

Sós, e com os olhos fitos no «Auctor e Consummador de nossa fé, Jesus, o qual pelo goso que lhe estava proposto, supportou a cruz, desprezando a affronta, e assentou-se á dextra de Deus»; sós, e apoiados no sceptro omnipotente do grande Salvador, encaremos sem esmorecimento a nossa gloriosa tarefa nesta larga patria.

Carreguemos a cruz de Christo e a sua ignominia com paciencia, humildade e intimo contentamento. O Juiz está ás portas», o Senhor está perto, e «naquelle dia» a luz se fará.

Irrompam de nossos corações e vibrem em nossos labios, no proximo septenario de 31, orações unanimes, ardentes, claras, positivas, em todas as congregações de nossa familia, de sul a norte de nosso Brasil.

No proximo numero daremos o programma que deve unificar a alma independente perante o Throno da graça.

A oração é a nossa grande necessidade nesta hora suprema das nações. E' a expressão opportuna de nossa fraqueza nestes dias perigosos, e de nossas grandes esperanças nas promessas do Senhor.

Mais do que nos annos anteriores, entre nossa Egreja, numerosa, unanime e insistente, na presença do Senhor, e faça subir, do meio da mortandade, o incenso puro de ferventes supplicas. A hora é má e perigosa, vigiemos em preces e acções de graças, por todos os homens, e especialmente pela nossa tarefa no Brasil. São as nossas orações, unidas no pensamento e sentimentos, que nos hão de dar a desejavel victoria, pondo-nos em contacto immediato com a graça omnipotente de um Deus de amor.

Esperemos com sancto e ardente desejo os sete dias de nossa festa, e em um movimento piedoso, e vibrante de divino enthusiasmo, abra cada independente, para com o Deus de toda a esperança, suas boccas e suas mãos!

E. C. P.

A liberalidade christã

As duas bolsas

Uma para Christo outra para mim. Cada servo de Christo deve ter dois logares separados para seu dinheiro, qualquer caixinha serve para guardá-lo. Uma deve ser consagrada a Christo e a outra para o uso pessoal ou para negocios.

Uma moça disse a seu pae:

— Eu desejo pôr alguma coisa na caixa, domingo.

Seu pae de boa vontade deu-lhe parte da offerta, que elle costumava fazer, e deste modo obteve boa influencia o exemplo que ella deu, mas a collecta não lucrou nada.

Isto não a satisfez, porque desejava dar uma offerta do que lhe pertencia.

Recebia ella cada anno 20$000, juros de um pequeno capital, que tinha no banco. Esta quantia pertencia-lhe exclusivamente. Tinha tido até então por costume dispendê-la em presentes de Natal ou de anniversarios para seus amigos. Resolveu ter desde aquelle dia duas bolsas, e pôr numa dellas a decima da sua renda. Bem que fosse uma bem pequena quantia, ella tinha mais do que nunca satisfação de offerecê-la. Mas o gosto foi maior ainda quando no seguinte dia inesperadamente recebeu uma quantia bem maior para seu proprio uso, do que nunca tinha tido, e uma boa parte della foi posta na bolsa de Christo.

— Eu nunca penso em tirar o que está na bolsa do Senhor senão para fins religiosos, disse ella, e nunca tomo della emprestado para meu uso pessoal. Está consagrada a Christo, e nunca tive tanto gosto com o meu dinheiro, como agora.

Uma outra moça que a escutava, disse:

— Eu tambem tenho duas bolsas, e ponho conscienciosamente o dizimo de todo o dinheiro, que recebo, na bolsa do Senhor. E' pouco, mas sinto goso em fazer isto, e deste modo tenho sempre dinheiro para alguma boa obra.

Ah! é esse o bom caminho, o verdadeiro caminho, queridos irmãos; se ainda não o tendes experimentado, começae hoje, hoje mesmo e apprendei que fontes de bençams está escondida nellas.

Os grandes rios saem de pequenos regatos; grandes arvores saem de pequenas sementes; a terra é feita de pequenos atomos; o curso da vida é composta de segundos. Não desprezemos, pois, as coisas pequenas, ellas são o principio de grandes coisas. Empreguemo-las quando ellas veem, e façamos dellas o melhor uso que pudermos.

APONTAMENTOS

A anciedade convida á oração.—Nova vida

Toda a anciedade é um convite á oração...

Porque nos admoesta nosso Senhor contra a anciedade? E porque nos aconselha a orar em tal caso? «Por nada estejaes afflictos, mas sejam notorias vossas petições deante de Deus em constante oração».

Porque a anciedade impede nossa fé em Deus.

A fé consiste simplesmente em olhar Jesus. E' a alma desvalida, necessitada, tentada, que, conhecendo sua propria fraqueza e completa inaptidão para fazer frente ás difficuldades que a rodeiam, aparta, em consequencia, a vista de todas ellas para só olhar para Deus, manancial de força e soccorro. Assim a fé mira a Deus. Mas a anciedade olha para os objectos. A anciedade aparta os olhos de Deus para fixá-los nas circumstancias. Impulsiona-nos a desesperar pela multidão das coisas que concorrem para affligir-nos. E ao fazer isto, nossos olhos se apartam de Deus e a posição da fé se perde. Olhando para Deus, confiamos; olhando para as coisas e circumstancias, opprimimo-nos.

O principio da anciedade é o fim da fé»—disse Andrés Murray. A fé enfraquece quando começamos a nos affligir. «Meus olhos estão sempre fitos em Jehovah, porque Elle tirará meus pés da rede», disse o sabio salmista. Emquanto seguimos olhando para Deus, Elle se encarregará das redes e tropeços postos em nosso caminho. Isto é andar por fé. Mas se tractamos de apartar de nós mesmos as redes e tropeços, e não olhamos para Deus, então o coração se enche de anciosa perplexidade e isto arruina a fé.

A anciedade impede o poder de Deus. A fé é o canal por meio do qual o poder de Deus é derramado sobre os seus; afastando-nos da posição da fé, a anciedade obstroe o passo do poder e da bençam de Deus sobre nossas vidas. Vêde, por exemplo, como foi impedido o poder de Christo em Nazareth. Diz-se-nos: «Não pôde ali fazer nenhuma maravilha». Que era o que o Filho de Deus não podia fazer, e porque? Porque teve de desistir do seu grande desejo de fazer maravilhas, segundo seu costume, e justamente em sua terra? A resposta da Palavra revela o segredo: — «Por causa da incredulidade delles». Havia nelles algo que estorvava. Pois nós é imposta uma condição, se queremos que Christo faça maravilhas por nós: que tenhamos fé. Tudo o que impede a fé, impede a obra de Christo. Se não o miramos e não confiamos n-Elle, fecha o canal pelo qual seu poder chega a nós e Elle não póde ajudar-nos ainda que o deseja. Nós perguntamos ás vezes porque Deus não nos soccorre em nossas difficuldades; tememos que nos haja abandonado á nossa sorte; nos entristecemos porque na apparencia tem occultado o seu rosto. Porém não vemos que, ao permittir que «os cuidados deste seculo» nos absorvam, levantamos uma barricada no unico caminho pelo qual o poder de Deus desce do céo á terra para livrar a seus filhos. *Não é que Deus não nos queira ajudar. Elle está sempre disposto a fazê-lo.* Porém não é póssivel, porque a anciedade tem sobrepujado a fé e da fé se serve Deus para agir em nosso proveito.

A anciedade se oppõe á paz de Deus.

Ao oppor-se á nossa fé, a anciedade é, ao mesmo tempo, um obstaculo ao poder e á paz de Deus, pois tanto o poder como a paz vem pela fé. «Tu o guardarás em completa paz, cujo pensamento em Ti persevera, porque em Ti ha confiado». Neste texto, a paz é consequencia de haver confiado. E a anciedade, ao atacar a confiança, prejudica a paz. E' a paz uma fragil pomba que repousa arrulhando no coração da alma confiante. A anciedade é um abutre cruel que fere com seu bico e garras o coração de sua victima até acabar com ella. A pomba da paz foge á chegada do abutre; e já que a anciedade impede nossa fé em Deus, e seu poder—é de extranhar que Deus nos estimule á oração tão prompto como apparece a anciedade em nosso horizonte espiritual? Toda anciedada é um signal de Deus para que oremos; é algo assim como a luz roxa para o machinista de um trem. Annuncia perigo em nosso caminho; ao entrar a anciedade em nosso coração, Deus clama: «Alto! Vaes perder tua fé; vaes annular meu poder em tua vida; vaes perder minha paz em tua alma. Alerta! Ha perigo: refugia-te na oração. Não estejas cuidadoso por coisa alguma; ora e minha paz livrará teu coração deste inimigo terrivel — a anciedade».

O novo nascimento corresponde a uma nova vida. A vida espiritual, como a material, depende de alimentação. Nascido de novo e vivendo uma vida nova, necessita o homem de alimentação adequada, afim de que possa viver e crescer.

Narra um auctor de certo homem que lhe confessara que a sua alma não tinha sido alimentada por quarenta annos. Tal homem, diz o auctor, é o typo de milhares e dezenas de milhares, cujas pobres almas morrem a mingua.

«Deixaram de cuidar da nova vida, não a alimentaram, e a pobre alma, faminta, desmaia de fraqueza, e facilmente tropeça e é escandalizada. Se o homem é nascido de Deus, elle não póde viver sem Deus».

A nova vida encontra meios de subsistencia na leitura da Palavra e na oração.

Ah! não desprezes, meu filho,
A correcção do Senhor:
Acceita alegre o castigo,
Que é sempre effeito do amor».

C.

O Rev: J. R. Smith e a sua obra

«A vereda dos justos é como a luz resplandecente que vae adeante e alumia até o dia perfeito».—Prov. 4. 18.

X

Obedecendo ao pendor de chronista, julgo não sahir do assumpto em vista dedicando algumas linhas a um dos preciosos auxiliares da evangelização do norte e dando um breve resumo da fundação e desenvolvimento da egreja evangelica pernambucana.

Manoel José da Silva Vianna nasceu em Portugal em 1823. Vindo para o Rio de Janeiro, luctava pela vida trabalhando pelo officio de sapateiro. Foi-lhe annunciado o Evangelho, mas reluctou por seis annos, até que, morrendo-lhe em Portugal a filha unica, procurou, pela primeira vez, a casa do Senhor.

Foi uma conversão maravilhosa. Analphabeto, atirou-se aos livros e dentro de um mez já podia entender alguma coisa de sua Biblia. Aos 43 annos, em 7 de outubro de 1866, foi baptizado na egreja fluminense e, em 1868, enviado para Pernambuco como colportor da Sociedade Biblica Britannica. Foi um dos primeiros colportores a espalhar biblias no Recife.

Um anno antes, porém, em 1867, Abreu e Lima, o *Christão Velho*, já andava empenhado em lucta com Monsenhor Pinto de Campos por haver distribuido exemplares do Novo Testamento entre familias do seu conhecimento, precedendo Vianna nesse sentido, embora em uma esphera muito mais restricta e na qualidade de franco atirador.

Antes mesmo da polemica de Abreu e Lima, estivera no Recife o Rev. Daniel P. Kidder no anno de 1838, fazendo alguma propaganda. Nos annos de 1864 e 1865 a auctoridade diocesana empregava já alguma energia para a repressão da propaganda de biblias e livros evangelicos em Maceió, Escada e Ipujuca.

No folheto *To Brasil by way of Madeira*, referente ao trabalho do Dr. Kalley no Brasil, menciona-se um colportor da Sociedade Britannica, de nome Silva, membro da egreja fluminense, que espalhou muitos exemplares da Biblia no Recife e no interior de Pernambuco, anteriormente á ida de Vianna para essa provincia.

Bem poderia ser que fosse a propaganda desse colportor que tivesse attrahido a attenção da auctoridade diocesana de Olinda.

Em 1869 Vianna voltou ao Rio e de lá veio outra vez em 1871. De novo voltou á grande metropole em 1872, deixando no Recife uma congregação de umas vinte pessoas, que se reuniam ao largo do Pilar n. 3. Nessa occasião foi ordenado diacono no Rio, em 19 de junho, e contrahiu segundas nupcias em 11 de novembro. Veio então definitivamente para Pernambuco, acompanhado da esposa e duas filhinhas della.

Foi, pois, Vianna o iniciador da egreja evangelica pernambucana, que foi organizada pelo Dr. Kalley no Recife, á rua do Nogueira n. 10, aos 19 de outubro de 1873. Foram, na occasião, baptizadas doze pessoas, sendo Jeronymo de Oliveira uma dellas. Vianna ficou fazendo as vezes de pastor até agosto de 1877. A egreja então se congregava á rua Augusta, 190, passando depois para o n. 102, á mesma rua, sobrado.

Em março de 1878, veio da Inglaterra o Rev. William Bowers para occupar o cargo de pastor. Prégou somente quatro vezes, nos domingos 17 e 24 de março, sendo logo accommettido pela febre amarella, que o levou na madrugada de 3 de abril.

Em agosto de 1879, veio da Inglaterra o Rev. James Fanstone, novo pastor, que permaneceu no Recife até alguns annos após o advento da republica. Em sua companhia veio o Rev. Leonidas da Silva, que fôra baptizado por Vianna em 3 de maio de 1874, e fôra depois á Inglaterra com o fim de se preparar para o ministerio.

Os cultos passaram a ser successivamente celebrados no primeiro andar dos predios ns. 2 e 25, á rua do Barão da Victoria. Foi neste ultimo local, que assisti ao segundo culto evangelico, no segundo domingo de agosto de 1890. Prégava então o Rev. Fanstone. No domingo anterior ouvira pela primeira vez a prégação do Evangelho pelo Rev. W. C. Porter na egreja presbyteriana, á rua do Imperador, 71, mas, sendo por natureza conservador, resolvi iniciar a minha carreira evangelica no primeiro local onde ouvi as Boas Novas. Assim tornei-me presbyteriano e não congregacionalista.

A egreja do Rev. Fanstone adquiriu pouco depois um bom predio á rua da Roda, 62, hoje Conselheiro Peretti. A inauguração do novo templo verificou-se no dia 2 de maio de 1891. Era a egreja mais antiga do Recife e tambem a primeira que veio a possuir um edificio proprio.

Outros obreiros serviram á egreja evangelica pernambucana na ausencia do Rev. Fanstone e depois do seu pastorado. Lembramo-nos dos nomes dos Revs. Salomão L. Ginsburg, H. J. Mac All, Joyce Orton, Telford e Kingston. A egreja pernambucana desenvolveu o seu trabalho pela estrada de ferro central de Pernambuco e tambem ao norte do Estado e dispõe de varios obreiros no territorio de sua circumscripção. E' o decano delles o provecto ancião Rev. Leonidas da Silva, que ha muitos annos vive no Rio de Janeiro.

—Fallemos agora do trabalho de Vianna em connexão com a missão do Dr. Smith.

Deixando a direcção da egreja pernambucana em agosto de 1877, sem comtudo abandonar a sua denominação, Vianna passou a ser colportor da Sociedade Biblica Americana, ficando sob a direcção do Rev. J. R. Smith. Fez então diversas viagens pelo interior de Pernambuco. Para o norte foi até a Parahyba e parece ter sido o iniciador do trabalho inaugurado um anno mais tarde pelo Rev. Smith na capital parahybana. Para o sul foi até Alagoas e Sergipe. Foi nesse periodo que appareceram os primeiros despertamentos evangelicos em Nazareth e Goyana. Embora não fosse Vianna o iniciador delles, é certo que contribuiu para a sua animação. Em data de 20 de maio de 1878, relatou de Nazareth ao Rev. Smith:

«No dia 16 cheguei aqui e encontrei a obra do Senhor; junctam-se 4 pessoas para lerem a Biblia nos Domingos...»

Em 1879 voltou a trabalhar em connexão com a *Sociedade Biblica Britannica*.

Em 1880, achando-se em Penedo, Alagoas, sentiu um extraordinario desejo de ver a sua familia. Foi um aviso dos céos. Chegando á casa, adoeceu gravemente do figado e, trez mezes depois, dormiu no Senhor, aos 22 de maio de 1880, contando 57 annos de edade. Sua longa enfermidade levou-o a dar um testemunho brilhante de sua fé, que confortou os crentes e encheu de admiração os incredulos.

Era Vianna dotado de profunda piedade, zeloso, caridoso, visitador dos enfermos e attribulados, e paciente e alegre nas innumeras perseguições de que foi alvo.

O Dr. Vicente Ferrer, no seu opusculo já citado, assim o descreve: «Conhecemos pessoalmente Vianna, sogro do Sr. Antonio José da Costa Araujo, proprietario do estabelecimento denominado «Regulador da Marinha»: Era portuguez, já edoso, calvo, moreno, usando suissas

brancas, extremamente sympathico, moderado, mas de uma força de vontade e de uma obstinacia a toda prova. Nada o desviava da trilha, que devia seguir!

«Com uma bolsa na mão esquerda e um ou dois livros na direita, percorria esta e outras cidades, risonho sempre, a offerecer os *seus* livros e a querer explicá-los. Uns, eram poucos, ouviam-no bem, apreciando aquella alma de apostolo. A maioria se não era indifferente, se não se enfadava com *a tal historia da Biblia*, maltractava-o e o injuriava de modo atroz. A's vezes o *molecorio*, in suflado, puxava violentamente a bolsa, e lá se iam os livros espalhados pelo chão e eram rasgados com grande gaudio dos assistentes.

«Nas localidades do interior, o povo apupava-o; vigario e auctoridades policiaes sequestravam e queimavam os livros, nas feiras, e os hoteis negavam-lhe hospedagem. Vianna, sempre risonho, sempre affavel, em todos os transes tinha um trecho a recordar e a explicar. Quantas vezes sua vida não correu serio perigo! Quantas vezes não foi injustamente preso e espancado! Os livros confortavam-no e nunca recuou uma linha! Foi um apostolo e quasi um martyr! Se fosse permittido, seu busto deveria ser collocado na entrada no templo, á rua da Roda!»

Assim o testifica o Dr. Ferrer, um amigo do Evangelho, com o fôra Abreu e Lima, mas que não pertencia como este a nenhuma egreja evangelica. O Dr. Ferrer falleceu ha poucos annos em Lisboa. Foi advogado de nota no Recife, escriptor e morreu na carreira consular.

Do Dr. Ferrer e do Rev. José Primenio colhemos parte dos dados que constituem este artigo.

Tal foi Vianna, um dos auxiliares do Rev. Smith!

V. Themudo.

"O Primado de Pedro

com vista aos ministros protestantes"

Assim intitula o seu primeiro artigo o semanario religioso catholico «O Possense, do dia 2 de junho, publicado em Posses de Monte Santo (Minas).

Diz elle: «Não querem os protestantes reconhecer no romano Pontifice a primazia sobre toda a christandade. Mau grado seu, nada mais claro na Sancta Escriptura».

Eu não sei quem é o auctor do artigo; *suspeito* que é o Revmo. P. Antonio Rego, d. d. vigario de Posses. Mesmo que não seja elle, eu a elle me dirijo, como director e redactor que é do semanario mencionado.

Não, padre, não; não somente «não querem os protestantes», mas, tambem, não podem «reconhecer no romano Pontifice a primazia sobre toda a christandade», porque nós, protestantes, não podemos reconhecer os absurdos theologicos, philosophicos e historicos que todo e qualquer *romanista* reconhece. Temo que V. Revma. tenha incorrido num *lapsus mentis*, ao dizer que «nada mais claro na Sancta Escriptura...» Veremos!...

A traducção que V. Revma. faz do texto latino, é tão livre que chega á alteração, ou deturpação do texto, pois V. Revma. escreve: «E tu Simão que dizes quem sou?» Meu carissimo padre! em que Biblia achou V. Revma. as palavras «E tu Simão?...»

Eu tenho deante de mim a Vulgata Latina, e no Evangelho de S. Matheus, cap. 16 vers. 15, diz assim: *Dicit illis Jesus... illis*, meu caro padre, *illis*; *illis* é um caso do plural, não é um nome proprio, e não é um vocativo.

Está muito bom que V. Revma., como vigario zeloso, dê umas voltas ao redor da sua parochia vigiando... mas garanto-lhe que *uma volta* tambem pela grammatica latina não estaria mal; eu, no seu logar, tractaria de apprender bem, muito bem, que regimen tem o verbo *dico eis*... *Dizer*. Quem sabe se acontecerá a V. Revma. o que passou, certa vez, a um alumno duma classe, conforme explicava o meu professor: Mandaram aquelle alumno traduzir esta phrase: *In diebus... illis*, e o coitado do rapaz, não sabendo nem ler o latim, ajunctava as palavras e dizia: *Indie, indiarum* sei que significa «as Indias», mas, o *busillis*... o *busillis*, não sei o que significa.

Veja, Revmo. P. Antonio, que o *quid*, para aquelle rapaz, estava no *busillis*, e para V. Revma. está no *dicitillis*, que se deve traduzir *disse-lhes*, a elles, aos Apostolos, e não só a Simão. Veja que falla em plural, estabelecendo a concordancia com o resto do texto que diz: «*Vos antem quem me esse dicitis?*» *Vos*, é dizer, *vós*, não «tu Simão...»

Mas, perdoemos este *lapsus grammaticæ*. E' preciso notar que V. Revma em quatro linhas, tem já dois *lapsus*... e como são muitos, ainda, os *lapsus* em que V. Revma. incorre no decurso do artigo, eu tenho formada a opinião de que, talvez, V. Revma. seja *lapsista*... V. Revma. sabe quem foram os *lapsistas?*

Perdôo, de bom grado, estes *lapsus*, mas lamento que, sendo V. Revma. de uma cultura extraordinaria, se humilhe até o ponto de ser plagiario, copiando as razões triviaes e ordinarias que, nos seus compendios, escrevem os estudantes de historia da religião e de catechismo. Se, ao menos, V. Revma. fizesse proprias as opiniões dos grandes theologos romanos!... Mas, não divaguemos. Entremos no assumpto.

Eu, como protestante, amante de Christo e da Egreja que Elle fundou (que não é a egreja romana), não admitto a primazia do papa, nem a sua infallibilidade que para mim veem a ser uma mesma coisa.

No seu artigo, V. Revma. faz a exposição do argumento geral conforme traduz (ainda que muito livremente) do Evangelho de S. Matheus, cap. 16 ver. 16 e seguintes.

Chamo a attenção de V. Revma. para o facto de que, referindo todos os evangelistas a mesma passagem, somente *um*, Matheus, é quem accrescenta: «Bemaventurado és tu...» etc. (Matheus cap. 16: 17-19). Eu não rejeito por isto a passagem; porém, faço ver que, tractando se, como se tracta, do dogma mais importante da organização da Egreja, surprehende verdadeiramente que seja um só quem refira tal doutrina, quem proclame o principal dos dogmas. Isto parece uma inexplicavel anomalia. Ha quem diga que estes versiculos são uma interpolação, mas eu não o acredito: para mim estes versos são authenticos.

Analysemos. Christo chama bemaventurado a Pedro, porque confessa a sua Divindade, e accrescenta: «as portas do inferno não prevalecerão contra *ella*», mas não diz contra *elle*. Não se póde explicar que Christo edificasse sua Egreja sobre pessoa alguma, mas, sim, sobre si mesmo, sobre sua propria, omnipotente e indeficiente Divindade.

Vejamos. «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha egreja». Recordemos, Revmo. Padre, as leis da syntaxe e, conforme estas leis, se Pedro fosse a pedra sobre a qual Christo pensou edificar a sua Egreja, deveria dizer: e sobre *essa* pedra, e não sobre *esta* pedra, pois a palavra *esta* é só applicavel, em boa syntaxe, referindo a ao mesmo Christo. Mais claro: tu, Pedro, és pedra e eu (Christo) tambem sou pedra e sobre *esta pedra* (assignalando-se Christo a si mesmo) edificarei a mi-

nha Egreja. Só assim é que tem explicação usar o pronome *este*, e não o pronome *esse* que era o designado se a pedra fundamental da Egreja fosse Pedro e não Christo.

Estou baseando os meus argumentos no texto da Vulgata Latina, unica approvada por authentica no Concilio de Trento.

Observemos, Revmo. P. Antonio, um facto raro. Emquanto Jesus não teve esta conversa com os Apostolos, não se observa a constante repetição de chamar a Christo pedra. Ahi vão provas.

«A pedra que os edificadores rejeitaram... (Math. 21:42-44); (Marc. 12:10); (Luc. 20:17); (Act. 4:11).

«Edificados sobre o fundamento... de que Jesus Christo é a principal pedra da esquina» (Ephes. 2:20).

«Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina...» (1.ª Pedr. 2:6-7).

Faço esta ligeira observação a V. Revma. porque esta constante repetição de chamar a Christo *pedra* de tantas maneiras e fórmas, nós induz a crer que, naquella importantissima passagem, Jesus fallou de si mesmo e não de Pedro.

Parece-me que já não está tão clara a doutrina da primazia de Pedro, como V. Revma. escreve no seu artigo. Estou convencido de que estes argumentos biblicos não convencem a V. Revma. porque não estão, como notas marginaes na sua Biblia; porém, eu passo á demonstração do argumento sociologico, indicado por V. Revma. no seu artigo, como argumento allegorico do que acontece em toda sociedade que tem o seu Presidente. Termina V. Revma., dizendo: «Respondam os peritos com a Sagrada Escriptura...»

Pois sim, Revmo. P. Antonio: minha humilde pessoa responde a V. Revma. dizendo-lhe que dar *uma volta* pela parochia para contar os contos... de vigario, seria bom; dar *uma volta* pela grammatica latina, seria bem melhor...; mas, dar *uma volta* pela philosophia, ou quando menos, pela logica, seria o *desideratum* que V. Revma. devia ter em vista, pois já esqueceu o que é uma *petitio principii* (petição de principio); esqueceu que *quod nimis probat nihil probat*, conforme a philosophia escholastico-romana; e esqueceu tambem que *latius hunc, quam præmissæ, conclusio non vult* (os termos não devem ser tomados com maior extensão na conclusão do que nas premissas).

Este argumento da necessidade de um poder central, duma suprema auctoridade inappellavel, á semelhança de toda sociedade e governo humano, é DE EFFEITO e um dos que mais seduzem a gente irreligiosa, e, ainda, até as classes cultas se não teem uma profunda e solida preparação theologica e philosophica, como a que tem V. Revma; este argumento, indicado por V. Revma., é sabido por todos os meninos de escola nos paizes catholicos, que não se preoccupam de averiguar *pórque sabem o que sabem*, e que V. Revma. teve a desgraça até de não sabê-lo formular. Os seus freguezes teriam ficado mais contentes e satisfeitos, teriam louvado mais a capacidade intellectual de V. Revma. se, ao lerem o «Possense», tivessem observado que V. Revma., fazendo uso das figuras grammaticaes e rhetoricas, como dirigindo-se aos protestantes, tivera formulado seu argumento deste modo: «Porque os admira a supremacia e infallibilidade do Pontifice». Não tendes em cada Republica um Presidente? Não ha em toda monarchia um rei? Em todo governo bem organizado, não ha tribunaes supremos que se consideram inappellaveis? Porque, pois, não quereis que haja na Egreja de Roma, *sociedade perfeitissima*, o que ha em toda sociedade, por imperfeita que esta seja?

A haver formulado assim o seu argumento, não duvido que V. Revma. tivesse adquirido maior exito na batalha.

Adeus, ex collega. Até a proxima semana.

Campinas, 14 — 6 — 918.

Ricardo Mayorga.
Ex-Padre.

Peregrinando...

Não somos deste mundo e aqui estamos peregrinando por algum tempo. Deus, na sua boa Providencia, determinou que assim fosse e assim ha de ser até que os seus decretos de Rei dos reis e Senhor dos senhores sejam mudados.

Se não somos deste mundo, porque aqui não permaneceremos, e porque (isto é o importantissimo!) Jesus nos deu instrucções a este respeito com linguagem inequivoca: Vós não sois do mundo como eu tambem não sou do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece». «Se o mundo vos aborrece, sabei que primeiro do que a vós me aborreceu elle». Eis aqui então o conceito das palavras do Senhor Jesus, por bocca do seu discipulo amado, o apostolo João: «Não ameis o mundo, nem as coisas que ha no mundo. Se alguem ama ao mundo, o amor do Pae não está nelle; porque tudo o que ha no mundo, a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a vaidade da vida, não vem do Pae, mas sim do mundo».

Deante deste solennissimo aviso, como devemos peregrinar? Descuidados, vaidosos, levianos, ligando pouco ao futuro, e pondo tudo o que ha em nós e ao nosso alcance, nas coisas do mundo e no goso da vida? Não, por certo! O mesmo apostolo se encarrega de dar a razão desta negativa energica: «Ora o mundo passa e a sua cobiça; mas aquelle que faz a vontade de Deus, permanece para sempre. Eis ahi, meu caro leitor, porque devemos, sem hesitação alguma, peregrinar com todo o cuidado, como hospedes deste mundo, por um limitado espaço de tempo, tendo de levantar acampamento seguramente, levando como bagagem somente as boas ou as más acções que aqui practicarmos durante os curtos dias de nossa provação.

Ah! o peregrinar desta vida é coisa solennissima! E' preciso que peçamos a Deus incessantemente: «Ensina-nos a contar os nossos dias, de tal maneira que alcancemos corações sabios».

O mundo está alienado de Deus; e quem se conformar com este mundo, ficará, tambem, alienado de Deus. Vivemos no mundo, mas não somos do mundo, como nosso Senhor, Salvador e Mestre não é deste mundo — eis aqui o segredo do filho de Deus: viver no mundo e não ser do mundo. Isto quer dizer clara e positivamente que não devemos nos conformar com este mundo, na sua alienação de Deus.

Estamos aqui para agir como fermento. Ah! se formos um bom fermento, havemos de levedar toda a massa! Do contrario, a massa absolver-nos-á e a nossa passagem por este mundo tornar-se-á inutil e converter-se-á em maldicção eterna para nós! Como devemos andar com cuidado! Como devemos ser diligentes! Forasteiros aqui, não devemos perder um só dia sem estarmos na presença de Jesus. «Só com Jesus em communhão constante» «Pode o mortal ao céo chegar». Teremos todos de apresentar-nos ao Rei para prestarmos conta do capital que nos foi entregue—o tempo. «Tempo é dinheiro». Isto no dizer inglez. Mas, o brasileiro... Infelizmente tem a maldicta *chapa*: «amanhã». Oh! meu leitor, o amanhã não nos pertence—hoje é que é nosso; agora, este actual momento! Não podemos dispor do minuto seguinte e como é que temos a presumpção, ou melhor ainda, a loucura de deixar tudo para amanhã?! Oh! não, oh! não! «Hoje é o dia accitavel, hoje é o dia da salvação».

Isto é a suprema verdade para mim e tambem para ti;

e devemos fazer tudo ao nosso alcance para que esta verdade tenha echo em todos os corações dos nossos semelhantes. Peregrinando no mundo, nós devemos pôr o nosso coração ao inteiro dispor do nosso Creador; pois elle nos diz: «Filho meu, dá-me o teu coração». Se dermos a Deus tudo o que possuirmos e fizermos toda a sorte de sacrificios nesta vida e não lhe dermos o coração que Elle pede, teremos arruinado tudo e interrompido todo o bem que dimana de Deus para nós! Pois bem; meditemos profundamente nas nossas condições de hospedes aqui na terra. Aproveitemos cada dia que Deus nos der como o unico dia que é nosso. Façamos neste dia tudo o que estiver ao nosso alcance para honra e gloria do nosso bemfeitor. Entreguemo-nos em suas sanctas e bemdictas mãos e esperemos o cumprimento restricto de todas as suas promessas; e, no fim da peregrinação, acharemos o que buscamos na vida.

Juiz de Fóra, 21 de abril de 1918.

A. A. R. S.

PELA SEARA INDEPENDENTE

Mogy Mirim

Acertadamente diz o adagio que muita abundancia é signal de miseria. Ao findar o anno passado atufamos sem piedade ao nosso mui ceremonioso «Estandarte» uma récua de noticias e, depois *dessa grande offensiva*, ficámos num longo silencio até agora. Circumstancias varias foram, mau grado nosso, a causa dessa delonga. Depois de uma longa invernada no campo do Rev. Bellarmino Ferraz, onde estivemos á guiza de melhores climas, eis-nos de novo na velha brecha. Durante este mez visitámos a egreja de Espirito Santo do Pinhal e duas congregações desta egreja de Mogy — celebrámos trez vezes a Sagrada Communhão e baptizámos varias creanças.

— Nossa egreja de Mogy vae com boas esperanças. Foi reorganizada a Escola Dominical, ficando com as seguintes classes: *Horeb*, para os adultos, professor o presbytero José Soares da Silva; *Synae*, para os moços e moças, professor Eduardo Pereira Gouvêa; *Bethania*, para creanças no estudo das narrativas biblicas, professora D. Anna Bataglia; *Bethel*, para creanças no estudo do breve catechismo, professora D. Eunice Garcia; *Belém*, para creanças no estudo do catechismo primario, professora D. Gustavina Nobre. Como se percebe, ha uma certa ordem que podemos chamar talvez logica no nome destas classes — *Belém*, representando a infancia; *Bethel*, indo a Casa de Deus: *Bethania*, o laço da intimidade e da amizade sincera; *Synae*, o fastigio da carreira humana — a responsabilidade perante a Lei. Foi nomeado superintendente o irmão Paulo Valle e como thesoureiro continúa o irmão João Bertolaso. Foi tambem adoptado um systema liturgico para o serviço da Escola. Com a graça de Deus muito esperamos desta nova phase da nossa Escola.

— No dia 5 deste mez foi eleita pela Assembléa Geral a nova directoria da Sociedade de «Embaixadores do Reino» ficando assim organizada: Presidente — Juvenal Garcia Novo; Vice-presidente — Lindolpho Palhares; Secretario João Martins; Thesoureiro — João Garcia Novo (reeleito).

No primeiro domingo de julho a nova Directoria tomará posse de seu cargo e escolherá as Commissões com as quaes deve trabalhar.

— Hontem tivemos o immenso prazer da visita do nosso amigo e irmão Rev. Basilio Braga, que nos alegrou com a sua boa mensagem. Fallou sobre o suggestivo e solenne texto: «Prepara-te, ó Israel, para sahires ao encontro de teu Deus». Este discurso apresentado com clareza, delineado com traços vivos, com agudeza e propriedade em muitas expressões, ataviado com imagens felizes e expressivas, não podia deixar de ser como na realidade o foi — muitissimo apreciado. A' noite do mesmo modo o irmão soube conquistar a sympathia do attencioso auditorio que numeroso enchia literalmente o nosso não mui pequeno e modesto templo. Houve a celebração da Sagrada Communhão. E' de notar-se que esta ceremonia á noite muito tem a lucrar com a solennidade que se lhe accrescenta. Realmente solenne foi essa nossa festa commemorativa da paixão de Christo.

Terminando estas notas desejamos agradecer do intimo de nossos corações a bondosa visita de nosso irmão. Não temos com que retribuir tão valioso auxilio; digne-se o Senhor da Seara pagar essa nossa divida.

Mogy Mirim, junho de 1918.

Orlando Ferraz.

REGISTRO

Viajantes *Para Santos seguiram ha dias os irmãos Christovam Ferreira de Sá, Guilherme Castanho e familia e D. Margarida Argonz, que se acham ali fazendo estação balnearia.*

Enfermos *Em Santos continuam enfermas nossas irmãs D. Carolina Rodrigues, a quem nossa congregação na cidade vizinha é devedora de relevantes serviços; e D. Octavia Menezes do Carmo. Lembrem-se dellas os irmãos em suas orações.*

Convalescentes *Em Santos nosso prestimoso irmão Ibrahim Naufal, que acaba de levantar-se de demorada enfermidade; e a prezada irmã D. Anna Mirandeira, digna presidente de nossa Sociedade de Senhoras em Santos e que se acha convalescendo em Piracicaba de debilitante doença. Rendendo graças ao Senhor, continuemos a orar por esses caros irmãos.*

Consorcio *No dia 12 do corrente, em Capivary, por occasião do casamento de nosso irmão Jorge Bertolaso Stella, consorciou-se tambem nosso irmão Jefferson Martins com nossa irmã D. Eunice da Rocha Barros, dilecta filha de nossa irmã D. Maria Thereza da Rocha Barros e de nosso amigo Dr. Pedro Fernando Paes de Barros, d. d. Juiz de Direito daquella comarca.*

Aos recem-casados, nossas felicitações. Votos fazemos para que sejam felizes em seu novo estado.

Fallecimento *Depois de longos soffrimentos, partiu deste vale de lagrimas para as mansões dos justos, no dia 4 do corrente, nossa irmã D. Rosalina de Camargo, esposa de nosso irmão José Queredo de Camargo, residente em Bella Vista.*

Até os seus ultimos momentos deu ella bom testemunho de sua fé no Salvador.

Ao desolado esposo, sinceros pesames pela ausencia de sua digna companheira. Sirva-lhe, porém, de lenitivo a promessa que se encerra nas confortadoras palavras: «Bemaventurados os mortos que morrem no Senhor».

Nascimentos *Vieram encher de jubilo os respectivos lares: em Movimento, Minas, no dia 10 do corrente, a pequenina Alice, filha de Eliseu Alves Nogueira e de D. Olivia Souza Nogueira; ainda em Movimento, no dia 22 de maio p. p., a pequerrucha Antonieta, filha de Manoel Baptista de Souza e de D. Elisa Candida Ribeiro; e em Lenções, no dia 1.º do corrente, o pequeno Cyro, filho de David Pires de Camargo e de D. Fausta Ramos Camargo.*

Aos venturosos progenitores, nossas felicitações. Que o mesmo Senhor que lh'os deu, seja servido abençoá-los e protegê-los neste mundo cheio de miserias e tentações.

Itinerario

O Rev. Orlando Ferraz deverá chegar no dia 28, de junho, sexta-feira, em Poços de Caldas; no domingo, 30, estará em Pinhalzinho; no dia 1.º de julho, em Campestre; no dia 2, em Serra Negra; no dia 3, em casa do irmão Norberto; no dia 4, em Machado; nos dias 6 e 7, em Machadinho; no dia 8, em Campestre; no dia 9, na fazenda do presbytero Vespasiano Franco; no dia 10, nos Bandeiras, e no dia 11, em Poços.